

Naquele dia, “para os lados de Cesareia de Filipe”, Jesus perguntou aos seus discípulos: “Quem dizeis vós que Eu sou?”. Simão Pedro tomou a palavra e disse: “Tu és o Messias [= Cristo], o Filho de Deus vivo”.

Nestes dias, nestes últimos dias, o sucessor de Pedro, Bento XVI agora, entre Washington e Nova Iorque, não tem dito outra coisa: Jesus é “Cristo, nossa esperança”. E neste lema, que escolheu para a sua viagem apostólica aos Estados Unidos da América, resume-se bem o triénio que leva de pontificado, tal como as preenchidas décadas da sua vida, ensino e magistério.

Dias antes de iniciar esta viagem, Bento XVI dirigiu uma *Mensagem* aos norte-americanos, católicos e não só, onde encontramos os tópicos essenciais da sua convicção e proposta, no que ao papel da Igreja no mundo diz respeito. Já os encontraríamos nos seus textos académicos a seguir ao Concílio, como nas posições que manteve como bispo e cardeal, desde os finais de setenta; e logo depois, como prefeito da Congregação da Doutrina da Fé.

Partindo desta última *Mensagem*, apuremos alguns. Em primeiro lugar, sobre os destinatários da acção pastoral, começando pela protagonizada pelo Papa. Nestes termos e em alargamento sucessivo, quando pretende “abraçar espiritualmente todos os católicos”; exprimir a “fraternidade para com todas as Comunidades eclesiais” e testemunhar a “amizade a todos os crentes e aos homens e mulheres de boa vontade” (BENTO XVI – Mensagem para a viagem aos Estados Unidos da América.

*L’Osservatore*

*Romano*

, ed. port.,

12 de Abril de 2008, p. 1 e 3).

Foi especialmente com João XXIII e os documentos conciliares, que se acentuou este alargamento dos destinatários da proposta eclesial. Porque a Igreja foi mais articulada com o mundo, até em termos de mútua potenciação. Acolhendo o mundo que ela própria integra, enquanto partilha das alegrias e das esperanças, das tristezas e das angústias da humanidade contemporânea (cf. *Gaudium et Spes*, 1), a Igreja oferece-lhe a Boa Nova que a faz e refaz a si mesma, isto é, a Páscoa de Cristo, esperança de todos, dos que a vão conhecendo e dos que a almejam também.

Neste sentido, a Igreja activa a esperança. Melhor dito, neste sentido, a esperança torna-se “performativa”, como escreveu Bento XVI na encíclica que dedicou à segunda virtude teológica. E explicando: “Significa isto que o Evangelho não é apenas uma comunicação de realidades que se podem saber, mas uma comunicação que gera factos e muda a vida [...]. Quem tem esperança, vive diversamente; foi-lhe dada uma vida nova” (*Spe Salvi*, 2).

Bento XVI, abraça espiritualmente os católicos, expressa a fraternidade que o une aos outros cristãos e testemunha a amizade aos seguidores de outros credos e a todos os homens e mulheres de boa vontade. Esta amizade universal é absolutamente inclusiva. Mas acontece – como Ratzinger / Bento XVI repetidamente o tem lembrado – que pode ser transformada em fraternidade autêntica nos que, pelo Espírito de Cristo, renascem como filhos de Deus. Fraternidade e filiação que Deus destina a toda a humana criatura; mas que, por serem oferecidas a pessoas livres e responsáveis, têm de ser propostas e aceites. Quer isto dizer – e di-lo o Papa no endereço da sua *Mensagem* – que esta sucessão de referências, da amizade à fraternidade, vai muito além da mera cortesia, transformando-se em pedagogia e convite.

Pedagogia e convite, que são outros nomes da responsabilidade pastoral, tal como Bento XVI a sente e realiza. Há uma verdade recebida que tem de ser oferecida. Di-lo de seguida: “O

Senhor ressuscitado confiou aos Apóstolos e à Igreja o seu Evangelho de amor e de paz, e confiou-o para que fosse levado a todos os povos". Nem o relativismo pós-moderno nem um multiculturalismo desistente abrandarão no católico a urgência do testemunho, Como Pedro escrevia nos primórdios da Igreja, repeti-lo-á hoje Bento XVI: "no íntimo do vosso coração, confessai Cristo como Senhor, sempre dispostos a dar a razão da vossa esperança a todo aquele que vo-la peça" (1 Pe 3, 15). Não o tomemos como privilégio, mas como encargo. Como o tomaram Pedro e o seu presente sucessor.

Outra convicção, forte e constante, de Bento XVI é a da condição soteriológica da Igreja, que só com a graça e pela graça divina se sustenta, no seu ser e no seu agir. Teve de o lembrar muito antes de ser Papa, quando na Alemanha e em tantas outras partes foi frequente uma quase redução sociológica da Igreja e da evangelização. Volta a lembrá-la – àquela autêntica condição eclesial e apostólica – a propósito da sua visita à América, para servir a esperança duma nação e duma realidade eclesial onde não faltaram graves contrafacções, nem se extinguíram as respectivas sequelas. Por isso escreveu na sua *Mensagem*: "Estou convencido [...] que sem a força da oração, sem a união íntima com o Senhor, as nossas iniciativas humanas serviriam muito pouco. É Deus que nos salva a nós, ao mundo e à história, É Ele o Pastor do seu Povo, eu vou enviado por Jesus Cristo, levar a sua palavra de vida".

Creio que todos os que o seguimos televisivamente nestes dias podemos depreender que só com tal consciência e consistência espiritual é possível ao "jovem octogenário" que é Bento XVI manter e infundir tanta serenidade e esperança, numa tão rápida sucessão de cenários, por vezes particularmente difíceis e melindrosos, do mundo político ao eclesial. É dessa consistência que brota o desassombro, é com essa verdade que se refunda a paz.

Oiçamo-lo ainda a ele, noutro passo da *Mensagem*, transitando da soteriologia à cristologia: "Juntamente com os vossos Bispos, escolhi como tema da minha viagem três palavras simples mas essenciais: 'Cristo nossa esperança' [...]: Jesus Cristo é a esperança para os homens e as mulheres de todas as línguas, raças, culturas e condição social. Sim, Cristo é o rosto de Deus que apareceu entre nós. Graças a Ele a nossa vida encontra a sua plenitude e juntos podemos formar uma família de pessoas e de povos que vivem em fraternidade, segundo o perene desígnio de Deus Pai".

Parece simples, o credo de Bento XVI. E realmente "simplifica" aos católicos de hoje o que Pedro simplificara já na resposta de Cesareia de Filipe: "Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo!". Messias, Cristo, era para Simão Pedro e os crentes do antigo Israel o nome da esperança e da promessa, quando se realizassem por fim. À mesma esperança e da humanidade inteira, responde hoje Bento XVI, com um a linearidade que só o Espírito possibilita, quando Lhe abrimos a inteligência e o coração: "Cristo é o rosto de Deus que apareceu entre nós!".

Mas já neste último trecho Bento XVI alargava o âmbito da sua viagem de esperança. Pois se em Cristo temos Deus, é à humanidade inteira que Deus se oferece e destina. E o Papa sabe e ensina que, tendo em Cristo – verdadeiro Deus e verdadeiro homem - a sua figuração perfeita, Deus tem em cada criatura o seu sinal e na humanidade inteira a sua expectativa, essa mesma a que responde em Cristo. É esta a razão teológica que reforça e confirma a convicção católica duma humanidade comum e da afinidade geral de todas as consciências. Podemos falar de direitos humanos, como de valores e deveres: do que nos devemos uns aos outros, para prosseguirmos juntos e solidários, da unidade de princípio para a unidade do fim.

Foi esta ordem de ideias que levou Bento XVI à Organização das Nações Unidas, para sublinhar a importância da Declaração Universal dos Direitos Humanos, por ela proclamada há sessenta anos. Reparemos, como muito importa, nos termos em que o Papa o anunciava na

sua *Mensagem*, referindo o carácter universal e como que pré-confessional destes direitos, ponto importantíssimo para compartilharmos com todos, crentes e não crentes, as causas comuns e urgentes que esses mesmos direitos inculcam e tutelam: “Levarei a mensagem da esperança cristã também à grande Assembleia das Nações Unidas [...]. De facto, o mundo tem necessidade de paz, de justiça, de liberdade, mas não poderá realizar esta esperança sem obedecer à lei de Deus, que Cristo levou a cumprimento no mandamento de nos amarmos uns aos outros. Fazei aos outros o que quereis que seja feito a vós, não façais o que não quereis que eles vos façam. Esta ‘regra de ouro’ encontra-se na Bíblia mas é válida para todos; também para os não crentes. É a lei inscrita na consciência humana, e sobre ela todos podemos estar de acordo, de modo que o encontro das diferenças seja positivo e construtivo para toda a comunidade humana”.

Não se poderia ser mais claro, nem mais simples, nem mais oportuno. A grande aclamação que o Papa ouviu na sala das Nações Unidas trazia-lhe a concordância e o reconhecimento da generalidade dos povos. Remontemo-la agora, em louvor, alegria e compromisso renovados, ao perene Criador de todas as coisas, ao constante Benfeitor da Humanidade inteira: a Deus, que na vida, sabedoria e dedicação pastoral de Bento XVI, nos concede mais uma magnífica prova do seu cuidado e providência!

Sé do Porto, 20 de Abril de 2008

+ Manuel Clemente, Bispo do Porto